

## ARTIGO

Alejandra Sarda\*

# Um olhar diferente sobre a sexualidade

Participo de um movimento que tem vários nomes, refletindo as maneiras diferentes de encarar a vida e as ações políticas de seus(suas) integrantes. Para algumas pessoas é o movimento de *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis, transexuais e/ou intersexuais (GLBTI) – de acordo com o país e o momento histórico, utiliza-se toda essa sigla ou somente parte dela.<sup>1</sup> Para outras, é o movimento da diversidade sexual. Além disso, no sentido mais amplo, algumas organizações, como a minha, sentem-se parte do movimento pelos direitos sexuais.

É um movimento que procura tornar visível a existência de todas aquelas pessoas cuja sexualidade difere em algum aspecto do que as sociedades em que vivemos consideram como a norma. Nesse sentido, pode ser a preferência sexual, como mulheres que amam e desejam outras mulheres (lésbicas), homens que amam e desejam outros homens (*gays*) ou pessoas que amam e desejam pessoas de mais de um gênero (bissexuais).

[Tradução: Jones de Freitas]

<sup>1</sup> No Brasil, usa-se, em geral, a sigla GLBT (Nota do Tradutor).

Também pode ser a identidade de gênero, incluindo todas aquelas pessoas que escolheram para si uma identidade de gênero diferente daquela que lhes foi dada ao nascer (travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais). O movimento também chama a atenção dos Estados e das sociedades civis, incluindo aqui os demais movimentos sociais, sobre a situação de desigualdade, discriminação e violência em que vivem as pessoas GLBTTI, procurando corrigir essa situação de diferentes maneiras, que variam de mudanças jurídicas a educação popular. Finalmente, o movimento procura promover um olhar diferente sobre a sexualidade, um olhar que não implique discriminação e violência contra qualquer manifestação da sexualidade que não traga danos comprováveis para outras pessoas.

Na década de 1970, já existiam na América Latina movimentos GLBTTI ou da diversidade sexual. No início do século XXI, em todos os países da região, existem organizações que trabalham com esse tema. De acordo com os registros de nossa organização, no ano de 2003 houve 52 celebrações do orgulho GLBTTI em diferentes cidades da região e, em média, um evento cultural sobre a diversidade sexual a cada dez dias em alguma parte da América Latina (mesas-redondas, exposições artísticas, festivais de cinema, debates públicos, jornadas culturais etc.). Esses números dão uma idéia da vitalidade desses movimentos em nossa região.

### **O que fazem os movimentos da diversidade sexual?**

Em primeiro lugar, como esses movimentos trabalham com populações que têm uma longa história de marginalização e invisibilidade, nossa primeira tarefa é sempre ajudar a construir em cada lésbica, cada homosse-

xual, cada bissexual ou cada transgênero uma visão de si mesmo(a) que não seja negativa. É impossível lutar por mudanças sociais quando se sente vergonha de ser o que é. Em todos os países da América Latina, as organizações GLBTTI trabalham com grupos de apoio, nos quais as pessoas se reúnem para revisar a história que a sociedade lhes contou sobre si mesmas e para aprender a sentir orgulho de ser o que são. Todos os anos, em datas diferentes, de acordo com a tradição de cada país, são realizados "eventos de orgulho", com a saída para o espaço público das pessoas e organizações GLBTTI. Esses eventos têm uma grande importância social, mas também pessoal, porque ajudam as pessoas a avançarem no caminho da aceitação de si mesmas. Das manifestações mais gigantescas, como a marcha de São Paulo, que reúne 1,5 milhão de pessoas, até as caminhadas pequenas de 50 pessoas em outros países, esses eventos servem também para estender pontes entre os movimentos GLBTTI e os outros movimentos sociais, que, às vezes, os acompanham nessas manifestações, assim como para colocar nossas reivindicações na agenda pública. Nesse aspecto, cumpre também um papel decisivo a produção intelectual e artística sobre a diversidade sexual, que é cada vez mais relevante em nossa região.

Pretendemos, também, sensibilizar e educar outros atores sociais em relação às necessidades da população GLBTTI. Isso é feito por meio de seminários nas universidades e em reuniões com os principais atores sociais (por exemplo, associações profissionais médicas e de psicologia, meios de comunicação e movimentos sociais que podem ser aliados na luta). Alguns grupos no Brasil e em El Salvador conseguiram trabalhar com grupos bem difíceis como as polícias militares.

\* **Alejandra Sarda**

Coordenadora do Programa para a América Latina e o Caribe. Comissão Internacional dos Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC, na sigla em inglês)

## A possibilidade de outro mundo implica não somente mudanças econômicas, políticas e sociais, mas também mudanças de fundo na maneira de ver a sexualidade em todos os seus aspectos

Outro objetivo é lutar por mudanças legais que possibilitem o pleno exercício dos direitos das pessoas GLBTI. Entre os avanços obtidos nesse terreno, encontra-se a legislação antidiscriminatória que contempla especificamente a orientação ou preferência sexual, vigente no plano nacional no Equador, México, Uruguai e Peru, assim como em vários estados e cidades brasileiras e em duas cidades argentinas. O segundo tema de interesse são os direitos dos casais formados por pessoas do mesmo sexo. Sobre isso, conseguiram-se avanços no Rio Grande do Sul (Brasil), na cidade de Buenos Aires e na província de Rio Negro (Argentina), além de algumas decisões legais favoráveis no Uruguai e na Colômbia.

### Contribuição

Desde o século XIX, muitos autores e autoras têm defendido que a forma como a sociedade pensa e regula a sexualidade é um elemento central do controle social, inseparável de outras formas de exploração, como a exploração econômica. Os movimentos da diversidade sexual/GLBTI tentam promover uma reflexão sobre como se vive, pensa e se tenta controlar a sexualidade das pessoas, tanto por parte do Estado

como pela sociedade, e quais os efeitos disso sobre as relações humanas. Rejeitamos a inflexibilidade do paradigma do sexo/gênero, segundo o qual somente existem mulheres ou homens e que toda pessoa que se nega a ser encaixada nesse molde não é pessoa nem cidadã e, portanto, é alvo fácil das violações mais brutais de sua integridade física e psíquica. Essas violações vão de cirurgias de

“restauração” para meninas e meninos cujos órgãos genitais fogem à norma, o que destrói a sua possibilidade de ter uma vida sexual prazerosa na idade adulta, até a morte civil das pessoas que vivem em Estados que não reconhecem o direito de mudar seus documentos de identidade, a fim de refletir a identidade de gênero que elas sentem como a sua própria. Em oposição a essa prisão das identidades, propomos uma visão mais flexível, na qual há tantos sexos e tanto gêneros quantas são as pessoas existentes e todas merecem o mesmo respeito e a mesma possibilidade de se constituírem como pessoas e cidadãs.

Recusamos o mandato de uma sexualidade que tem somente finalidades de procriação, que somente deve ser exercida nos marcos do casal monogâmico de pessoas de sexos opostos. Contra essa visão utilitária e restritiva da sexualidade, propomos a idéia de uma sexualidade que é expressão de si mesma, comunicação, jogo; que se exerça para conhecer melhor a si mesma, para comunicar-se com outros/outras, para dar e receber prazer. Uma sexualidade que aceita qualquer expressão, tendo como único limite o consentimento daqueles(as) que a exercem e a ausência de danos comprováveis a outra pessoa.

Para os movimentos dos GLBTI ou da diversidade sexual, a possibilidade de outro mundo implica não somente mudanças econômicas, políticas e sociais, mas também mudanças de fundo na maneira de ver a sexualidade em todos os seus aspectos. Nesse outro mundo possível, que construímos no nosso trabalho diário, as únicas expressões da sexualidade que serão objeto de sanção por parte da sociedade seriam aquelas que implicam violência e abuso. Algumas dessas expressões ainda são não somente toleradas como até enaltecidas, mesmo no interior dos movimentos sociais, como acontece com muitas expressões machistas e que aviltam as mulheres. Nesse outro mundo possível, a sexualidade será um presente que nos foi dado pela vida, e não algo de que devamos nos envergonhar. Nesse outro mundo possível, a sexualidade será motivo de celebração pelas mesmas razões pelas quais hoje é motivo de repressão: por ser imprevisível, diversa, porque nos surpreende e nos recorda que não somos donos ou donas da vida, porém apenas fazemos parte – por sorte – de seu fluxo. ■



# A VERDADEIRA DEMOCRACIA NÃO EXISTE SEM PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

O Ibase acredita na importância de fortalecer a **cidadania ativa** para a **construção** de uma **sociedade** mais **justa** e **digna** para todos e todas.

Samuel Tosta

Participe, seja Amigo(a) do Ibase

- [www.ibase.br](http://www.ibase.br)
- 21 3852 6028
- [amigosdoibase@ibase.br](mailto:amigosdoibase@ibase.br)

**Amigos**  
do **iBase**  
etinho